

Entrevista sobre prática docente com Rosely Sayão

por *Rangel Cerceau Netto e Rodrigo Barbosa Lopes*

Interview on teaching practice with Rosely Sayão



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v10i2.2248>

Rangel Cerceau Netto

Professor do Centro Universitário de Belo Horizonte - UNIBH
Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG
cerceaup@gmail.com



<http://orcid.org/0000-0001-8013-7645>

Rodrigo Barbosa Lopes

Professor do Centro Universitário UNA
Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia- UFU
lopesrbr@gmail.com



Recebido em: 23/07/2017 – Aceito em 30/08/2017

Resumo: Abrindo o dossiê, apresentamos a entrevista concedida pela Educadora Rosely Sayão que busca analisar os desafios, os avanços e as possibilidades no universo da escola. Para ela é necessário 'pedagogizar a gestão das escolas', através das nossas leituras, nossas afetividades, nossas relações com os métodos. A educadora também aborda o papel dos educadores nas inovações relacionadas às práticas educativas.

Palavras-chave: Educação, Gestão escolar, práticas educativas.

Abstract: Opening the dossier, we present the interview given by the Educator Rosely Sayão that seeks to analyze the challenges, the advances and the possibilities in the universe of the school. For her it is necessary to 'pedagogize the management of schools', through our readings, our affectivities, our relations with methods. The educator also addresses the role of educators in innovations related to educational practices.

Keywords: Education, School management, educational practices.

Rangel Cerceau: Bom Rosely, na verdade, penso numa entrevista mais informal, para falar sobre a prática docente. E dentro desta perspectiva de se falar da prática docente, pensando o contexto da globalização e das novas tecnologias, quais são os desafios da formação docente no século XXI?

Rosely Sayão: Há muitos desafios, e cada grupo de desafios, vem de um determinado lugar. Então, podemos reconhecer os desafios que vem da própria sociedade, de um modo geral. E, de um modo geral, os desafios da sociedade se concentrou num único segmento da sociedade que é o mercado. Então quase sempre o mercado tem pressionado as universidades, principalmente, que é o último caminho para gente entrar no mercado, para que a formação seja assim: avançar, avançar, avançar... e, no meu entender, isto empobrece demais. Porque aí a gente passa a formar para uma determinada coisa, e não para pensar e refletir a sociedade. A gente forma mais para produzir...

Rangel: Sem uma formação cidadã...

Rosely: Exatamente. E, historicamente, a maior questão da educação é a liberdade de pensar. Quando se aprisiona para que a educação atenda a apenas um segmento da sociedade, ela perde essa liberdade de pensar. Por outro lado, ou ao lado, a gente tem a pressão da tecnologia. Mas não é uma pressão devida, ao meu

entender, é indevida. O que muita gente percebe, e eu também, é que é uma pressão para usar um aparato tecnológico. Sim, nós não podemos desconhecer todo o avanço da tecnologia, mas eu creio que nós poderíamos usar mais do que aparato, e sim o pensamento, o raciocínio, a lógica da tecnologia. Então é possível, vou te dar um exemplo. No ensino médio, um pouco antes da faculdade, que a moçada está lá né, fazendo muita coisa sem ter de usar os aparelhos, eles (os aparelhos) não são bola de cristal. Mas é a maneira de levá-los a fazer, a entender os desafios do conhecimento, é a maneira que eles estão acostumados. E ao lado deles, há os desafios das próprias instituições universitárias, que também estão muito atreladas ao mercado, e aí é geral – tanto pública, quanto privada. E também tem uma coisa que é interessante, que é a instituição prezar mais a própria instituição do que a educação. Não sei se você acompanhou esse negócio na Faculdade de Medicina USP?, a gente percebe que todo o empenho é em defender a instituição, e não defender os alunos, a cidadania, nada disto, é defender a instituição.

Rangel: Ou a pseudomemória da instituição, uma força política...

Rosely: Exatamente. Há também um desafio de entrar em uma escola e me defrontar com uma série de alunos. Cada um deles tem uma história particular, pessoal. Nem sempre isto pertencem, eles compartilham histórias semelhantes, com um nível social, cultural, econômico...

Rangel: há muitas trajetórias distintas.

Rosely: Este talvez seja o maior desafio, o de enfrentar a diversidade. A educação tem o discurso da diversidade e a prática da uniformidade. Nós temos as disciplinas, como a ciência da educação, que é muito conhecimento a respeito de como, o que é a diversidade, como ela está presente nas escolas, o que podemos fazer. Mas na fala da Viviane Mosé, ela já indica que não existe uma possibilidade de uma rede de escola funcionar uniformemente, cada unidade escolar pode funcionar de um jeito específico. Mas nós resistimos muito a esta idéia, porque queremos a padronização.

Rangel: Certa vez, fiz uma dinâmica, o design thinking, que é mais ou menos essa prática, estávamos pensando “modelos de escola”. E ainda teríamos uma visita a uma escola pública, e viria o secretário de educação para ver qual proposta se encaixaria melhor, e possivelmente seria implementado. A proposta do grupo que eu estava não foi vencedora, mas algo me marcou muito naquele dia. O secretário da educação disse, ‘para o estado, tem que ser algo de massa. O estado não pode ser algo diferenciado, porque a aplicabilidade disto é muito complicado dentro da perspectiva de estado, em termos da perspectiva de compra, de orçamento’. Isto me chocou muito, mas pega em algo prático do estado.

Rosely: É, mas é porque eles ainda pensam que transformar a escola é, necessariamente, transformar em algo que a gente vê. Para mudar a escola, antes de qualquer coisa, deve-se fazer a revolução das idéias, dos pensamentos, das concepções. O que eu percebo hoje, em muitos projetos de educação, é que começam do fim para o começo. Então é assim, começam do fim para o começo: vamos mudar a seriação escolar, passar de outra maneira, vamos mudar a sala de aula... mas afinal, por onde começa isto? Por onde começa a mudança? Começa pela relação entre professor e aluno! Então é lá, é lá que temos que começar a revolução.

Rangel: Seria a mentalidade desta relação.

Rosely: Exato, exato. Podemos ter o espaço que consideramos como do docente, maravilhoso. Se não houver uma reflexão sobre essas relações, e a concepção dos docentes for a mesma, não adianta termos esses espaços.

Rangel: Isso me lembra até a história de Belo Horizonte, no início da sua formação. A capital mineira nasceu com este aspecto de modernidade, e as pessoas vieram para cá de vários lugares para formar essa capital. Embora as construções e os marcos tivessem essa concepção moderna para a época, o interior das casas não eram. O interior guardava a concepção de onde a pessoa veio. Por outro lado, também, a idéia da inovação constante e do modernismo, ela não atrapalha a praticidade, em se colocar uma concepção nova a

todo custo. Me parece que a inovação atropela a inovação. Como podemos lidar com isto?

Rosely: Se começarmos pelo foco principal, que eu considero, que é o professor e a relação deste com o seu aluno, que deve ser efetiva (mas efetiva participação do docente), aí a gente consegue alcançar a maior parte das inovações. Vou dar um exemplo de São Paulo, que onde eu tenho atividades. Há décadas atrás, a secretaria colocou como política pública, a progressão continuada. Os professores não sabiam o que era isto e, para quem estuda, é o que de há de mais genial na formação, na aprendizagem e no desenvolvimento do aluno. Mas olhe que interessante, o professor não participou e não entendeu, e a progressão transformou-se em promoção automática. E essa inovação rendeu algum fruto?, Nenhum, nenhum! Daí olhamos o quadro e pensamos, ‘bom, então está na hora de fazermos outra inovação?’. Não, não houve inovação neste caso, e este é nosso equívoco. Nós tivemos neste caso uma pequena reforma, e os professores entenderam ‘que os alunos não poderiam mais repetir de ano’. O resultado foi um contingente de alunos que são analfabetos funcionais, dominam a leitura escrita, mas não conseguem “ler” o mundo. Vi uma pesquisa, que me assustou, que mostra a diferença entre o aluno que sai do ensino fundamental, do quinto ano, e depois do nono. A diferença de conhecimento é muito pequena, ou seja, o aluno fica mais quatro anos na escola aprendendo aquilo que poderia aprender em um semestre. Outra pesquisa, que busquei em outro lugar, mostra que o ao final do ensino fundamental, antes de entrar no ensino médio, indica que 70% do aprendizado vem da família. Veja isto, a escola é responsável por 30% do que os estudantes aprendem, é muito pouco. E nós estamos eternizando, ou determinando, um estilo de vida que cada família impõe, com seus preconceitos, estereótipos, senso comum. Então, o conhecimento que poderia libertar, quebrando alguns paradigmas, não está dando em nenhum lugar.

Rangel: A idéia de se trabalhar com projetos, é uma idéia que pode modificar essa realidade?

Rosely: Sim, muito. Este é um sonho que é meu. O trabalho em projetos é maravilhoso, e porque pode ser interdisciplinar, multidisciplinar, e atender bem a formação docente. Mas trabalhar com projetos ainda sofre preconceitos e restrições, pois muitos conceitos sofrem banalizações, que eu chamo de orelha de livro. Le-se uma orelha de livro e, ‘ah, eu já sei o que é projeto’. Isso aconteceu com o construtivismo, de repente todo mundo entendia disto. Daí perguntava, ‘que autores você estudou?’ Muitas escolas adotavam isto e respondiam, ‘mas isto é um método?’, sim, é um método! Então é a mesma coisa com projetos, tem muitos que são sofisticadíssimos. Dá para você pegar toda a disciplina de um ano e colocar em um projeto, ou em dois que seja, três. E aí a gente desenvolve no ano todo, aprofundando o conhecimento, transformando esse conhecimento em benefício para a comunidade, para o aluno, para o docente, para a instituição. Mas infelizmente, burocratizamos demais a educação. Nós nos ocupamos mais com a burocracia escolar, do que com o ensino e a aprendizagem. Nós estamos burocratizando a pedagogia, enquanto esta deveria ‘pedagogizar’ a gestão escolar.

Rangel: As oficinas em si são muito eficazes por isto. Eu fico impressionado como nestes trabalhos é possível ver uma construção coletiva, não é? Me chama a atenção quando foi feito a distinção do individual e coletivo, e também da concepção autoral. Como lidar com esta distinção: o autoral e o coletivo? Dá para uma coisa complementar a outra? Porque eu entendi que tem que se distanciar a questão do pessoal com o autoral. Essa distinção é fundamental para entendermos e projetarmos o coletivo. Então, como lidar com isto? Do autoral e do pessoal e fazer que isto possa contribuir na construção do coletivo? Como isto pode produzir um pensamento colaborativo e, ao mesmo tempo, autoral?

Rosely: todo funcionário na escola é, potencialmente, autoral. Que quando você da aula, você não repete conhecimento, você recria conhecimento. Seja para trabalhar naquele contexto, seja para aquele grupo que você trabalha naquele semestre, então você recria conhecimento e isto é autoral. Quando os alunos trabalham com o material que você oferece a eles, seja uma aula expositiva, seja uma bibliografia, já estão trabalhando com alguma autoria sua. Fazemos uma seleção bibliográfica, e isso já é uma coisa de autoria.

O que seria o autoral por parte dos alunos, que é tanto pessoal quanto coletivo?, na minha prática docente, eu sempre tentei buscar essa autoria de todos os alunos. Chega-se em uma hora que vamos trabalhar um “conhecimento puro”, o texto, o conceito. Mas em geral, pede-se memorização e associação e o que acontece de fato é que, quando eu leio, eu já crio uma autoria. Às vezes, quando estou como professora, eu nunca peço uma explicação de um texto inteiro, eu peço um parágrafo. Eu pergunto sobre um parágrafo que a pessoa tenha lido e, em geral, começa-se a falar o que o autor escreveu. Eu sempre digo: ‘não, não! Eu quero saber o que você leu, não o que o autor escreveu, há diferenças’. Nisso a gente começa a construir uma autoria, pra que a pessoa possa perceber que há uma autoria ali. Há uma interpretação que é autoria, que é pessoal. E que o contexto dos colegas e do professor interferem nesta autoria. Daí vem a relação do coletivo com o pessoal, que é dialética, que vai e volta. Vou pegar um exemplo da sua filha lá na escolinha. Me assusta ver como as escolas fazem as crianças produzirem muito. Então tem produção de massinha, de desenho, de pintura! E os pais vêm ‘nossa, olha o que meu filho fez!’. Mas ele não fez sozinho! Vamos supor que a criança esteja fazendo um desenho e, neste momento, um coleguinha cai e começa a gritar. Neste momento, ela troca de cor... ela larga aquela cor que ela estava usando e pega o vermelho. Este vermelho, não é só uma escolha pessoal. Pela gritaria, pela dor, pelo contexto ela também escolheu o vermelho. Aí os pais, ‘nossa, olha este vermelho!’, e não, ela não escolheu isto ‘sozinha’, numa escolha só pessoal, mas numa escolha que é também coletiva. Então, trabalhando com os alunos, tem que se buscar isto, vamos ter fé neles!, eles são capazes de mais do que memorizar e analisar o texto do autor. Eles já fazem isto, mas morrem de medo, pois a ‘gente’ quer a resposta certa... temos que estimular então um trabalho de autoria na leitura. Esta autoria pode piorar o texto, melhorar o texto, pintar o texto. Daí a gente pode construir coisas como ‘olha, o filme é ruim, mas você viu coisas maravilhosas’. Este é o lado autoral da interpretação.

Rangel: Aproveitando, você gosta muito de trabalhar com literatura para, de certa forma, tocar em pontos delicados e até mesmo trazer alguns aspectos da teoria da educação, mas de uma forma mais leve, que é trabalhar com literatura. Esse reflexo foi produtivo, foi sempre produtivo, como você conseguiu resultado bom neste sentido? Conseguiu fazer da literatura um meio para talvez mostrar uma disciplina teórica de forma mais agradável.

Rosely: Funciona mais com princípio. Quando a gente trabalha com literatura, com filme, com as artes de modo geral, e aí começamos a encontrar a identificação e aí é mais fácil de fazer a ponte com a teoria. Então, ‘você está vendo isso aqui que a Clarisse (Lispector) está falando?, é o que Freud falou assim e assim’, ou que Fernando Pessoa falou em um poema, por exemplo. E isso, foi uma sorte na minha vida, uma conjunção de fatores. Eu venho de uma família muito simples, meu pai é filho de libaneses, e ele não tinha estudo formal, mas ele gastava metade do salário dele comprando livro velho, e ele lia tudo. Então quando eu cheguei na adolescência, eu como filha mais velha, eles não deixaram sair. Então eu passei a adolescência lendo, às vezes até escondida, porque alguns livros eles não deixavam ler. Depois eu tive a sorte de ter uma professora no ensino fundamental, na época, de língua portuguesa, que ele foi capaz de mostrar o que é literatura sem a empáfia escolar. Depois é porque eu era uma inconformada, e eu não sei porque, e eu olhava e achava a escola muito chata e pensava “eu não vou fazer com esses alunos, o que a escola fez comigo”. É necessário surpreender, e as vezes eu falava assim, leiam esta página deste livro. E aí eu chegava na aula e trabalhava com um filme, com um vídeo. Então eles estavam sempre sendo surpreendidos e, nesses casos, assistindo juntos e produzindo conhecimento por meio de comentários e de observações. Isto também é aprender. E aí na outra aula, ‘lembra, daquele texto?, vamos relacionar ele com o texto?’ Eu nunca quis chegar diretamente na teoria, mas fazer com que eles tenham vontade de alcançar a teoria. Porque uma vez também, eu estudei por muito tempo psicanálise, e um psicanalista disse isso, a cultura de um modo geral ‘antena’ as coisas antes do conhecimento. Depois que a cultura já está vindo da ma-

neira dela, que o conhecimento vem sistematizar aquilo. Então se é assim, porque não aprender com a cultura?

Rangel: E essa história de você ser chamada de louca?

Rosely: Ah, então, eu fiquei muito brava, porque assim, eu gastava muito fosfato para imaginar todas as coisas. Aí o cara vem e me chama de louca? Eu levei um semestre para engolir essa história e transformá-la. Eu acho que para ele, louca é aquela pessoa que sai daquilo que a gente considera normal. Aí eu comece a apreciar. Eu estava lendo um artigo há alguns dias, que dizia que a universidade brasileira sofre de um processo de ser “normal”, e o autor cria uma palavra, dizendo que os professores não são normais, são normáticos. E ele fala da burocracia universitária, da produção exagerada de artigos e livros, que isso não tem nada com a docência em si. A leitura e o estudo sim, mas eu posso ler e estudar por conta dos meus alunos, e não para produzir um artigo para aumentar meu lattes, e receber mais.

Rangel: Pensar nisto é muito benéfico. Eu gostaria de tocar em outro ponto também, a gente foca muito na instituição, e eu gostaria de pensar nas formas avaliativas. É entender como as formas avaliativas se chocam com a possibilidade da inovação. Porque eu vejo muito essa idéia de mercado que começamos no início desta conversa, acho que a gente poderia voltar nela, pois a vejo como importante pelo seguinte motivo: as vezes, a pessoa entra num projeto inovador, como foram os projetos construtivistas em várias escolas, pilotos, em algumas escolas pilotos. E aí o resultado, no geral, em alguns casos não foi bom por causa do sistema avaliativo exigido dos alunos. Não só o vestibular, mas os concursos públicos e tudo isso que envolve um sistema muito fechado de avaliação, o que acaba não trazendo um resultado mais necessário a uma educação mais cidadã. Como poderia ser mudada esta atitude?

Rosely: Já temos muito conhecimento construído a este respeito. Mas, como está muito burocratizado o processo escolar, e não só na universidade é em todos os níveis, a gente não consegue ver como introduzir outros recursos diversos que a gente tem e, assim, insistimos nesta fórmula paliativa, que é o de julgar o conhecimento do aluno que só estuda e, não necessariamente, aprende. Não nos preocupamos se ele percebe o próprio desenvolvimento, não nos preocupamos em perceber essa avaliação como algo do bem, da nossa função. De fato, a avaliação é um julgamento sumário. Dá para mudarmos, mesmo que não seja radical, por estarmos tão aprisionados, dá para ir aliviando. Introduzindo, em meio a tantas provas e trabalhos, podemos introduzir outros métodos avaliativos, como algo que gosto muito, que é o portfólio como método avaliativo. Sempre que ajudei professores a desenvolver isto, é uma surpresa enorme, pois é muito bom poder olhar o trabalho deles, o aluno poder olhar e ver concretamente a evolução dele, a aprendizagem dele, e ‘olha, aqui, você escreveu isto. E olha aqui, dois meses depois, você escreveu isto, olha a diferença, compara isto’. Quando é apenas a nota, não fazemos isto, dizemos apenas: seu julgamento hoje é este. Então a gente pode, assim, mudar totalmente esse quadro. Por isso que a palavra que quis introduzir sempre é a vontade, temos que ter a esperança e temos que transformá-la em ação. Então eu sempre fui um pouco contra estes modelos tradicionais, pois eu nunca dei uma prova sem consulta. E ela é, em geral, mais difícil. Depois que eu fiquei conhecida na universidade, os alunos chegavam e diziam ‘a senhora não vai querer dar a prova com consulta, né?’. Porque daí, o que eu estou pedindo para os alunos é: crie, crie. O que o autor escreveu está aí, ou seja, pede-se o autoral.

Rangel: Outro ponto também é o trabalho em grupo, que é importante também conversarmos. Como transformar grupamento em grupo, e grupo em equipe?

Rosely: Grupamento em grupo é quando colocamos o pessoal para interagir, mas mediado por um conhecimento. Então a carga, por maior que seja, não deixa cansativo quando há essa interação. A mediação é importantíssima para começar a transformar o grupamento em grupo.

Rangel: Houve um determinado momento, da experiência, na nossa mesa que nós trabalhamos com os pilares, nós trabalhamos muito com os conceitos. Foi até uma chamada minha, quando trouxe o Foucault

para pensarmos essa questão, quando entrou a conceito do dissenso, porque o Foucault entende que a formação da identidade se dá na violência. Neste momento, houve uma interação de todos, pois é importante pensarmos no dissenso porque ele marca uma postura de estranhamento que pode formar o conhecimento. Não chega a ser um confronto, mas chega a ser um conflito, que é importante. Neste momento também, chegamos a Habermas, por meio do conceito de autoridade, e o que é interessante como é que o arcabouço dos teóricos da filosofia da história e da educação foram se coadunando para se colocar os conceitos, e a alteridade também apareceu o tempo inteiro, assim como o respeito a diversidade, embora a palavra alteridade optamos pelo sentido da identidade. Mas a alteridade é extremamente importante. Pensar a alteridade neste processo é pensar o próprio sujeito.

Rosely: Há um grande equívoco na educação que é uma interpretação um pouco desajeitada, de oferecer a possibilidade do sujeito se reconhecer como sujeito, num coletivo só. A interpretação que se percebe em demandas é, quando o coletivo é muito grande, o sujeito não tem espaço. Então pedimos sempre um número menor de alunos, pois nós não sabemos como trabalhar do agrupamento, do grupo e da equipe. Nem sempre a gente chega a equipe em uma escola, as vezes chegar no grupo já está ótimo. Então aí a gente vai individualizar o ensino para conseguir que aquele sujeito se reconheça, quando é exatamente o oposto, pois temos que valorizar o coletivo, para que o sujeito se reconheça, pois o olhar do outro é meu espelho, que vai formar a minha identidade. Não é a minha imagem especular que me dá a identidade, é a imagem que o outro dá de mim.

Rangel: é, é onde entendemos que nos entendemos como sujeito, as suas limitações, possibilidades e diferenças. Vejo isto quando saio de Minas Gerais, e viajar é isto um pouco, sair do próprio universo, da base sólida, virar estrangeiro. E neste outro espaço, nos reconhecemos como este mineiro, com esta identidade forjada, enquanto um sujeito que é identificado em outro lugar pela diferença.

Rosely: Então eu entendo o pedido permanente dos docentes para diminuir o número de alunos em sala, porque nós queremos 40, ou 50 ou 60... eu dei aula para 200 em um modelo antigo conhecido como “basição”, e todo mundo passava pelo basicão, e era essa coisa de 200 mesmo. E a gente acha que todos aqueles devem caminhar assim, de forma reta. E isso não dá, não dá. Quando chegarmos em 20 por turma, vamos começar a pedir 10, até virar professor particular, um aluno por professor. Percebe-se que a maior parte das escolas que se fez uma revolução na organização, os alunos estão em número muito maior, estão em 100 ou até mais por turma. Têm uma escola, que cada salão deste elege o aluno que é prefeito, outros que são vereadores, para ajudar o professor, não deixando a carga toda em cima dele. Então, o ponto que percebo foi o que precisamos entender a escola como um coletivo, e isto é a grande força, e não uma fragilidade. Só precisa ter uma boa organização, e cada escola encontra uma maneira para encontrar isto, não deixando assim tudo na mão do professor, como hoje é.

Rangel: Antigamente, uma concepção muito tradicional e a associada a isto, que tem sido retomado sobre tudo no EaD, são as monitorias, que vem em uma nova concepção.

Rosely: Monitoria, iniciação científica, tudo isto, revisitado agora com estes novos conhecimentos, com estes novos conhecimentos, como a aprendizagem colaborativa, é de uma riqueza impar. E a monitoria não precisa ser alguém de fora, é o aluno que está ao lado, é o seu colega, então, numa mesa, lá no nosso grupo, a gente viu né, o professor de história, de pedagogia, de matemática, de letras. Então, quando a pedagoga fala de um conceito de educação, os outros podem dialogar, discutir. E fazemos isso porque sempre associamos a nossa prática e ela (a pedagoga) pode colaborar para que este professor ressignifique sua prática, com o conhecimento que ela tem. E ela pode, em troca, aprender de um jeito diferente que ela tem de ensinar.

Rangel: Essa troca é sempre construtiva. Pensando um pouco nos relacionamentos, essa idéia do colaborativo ela exige uma proximidade de modo que a concepção do relacionamento é extremamente impor-

tante, neste formato. Isso é possível, no atual contexto, globalizada, fragmentada, às vezes sem paciência, individualista? Como tentar quebrar estes paradigmas?

Rosely: Acho que temos grandes obstáculos. Um deles é a perda quase absoluta desta distinção entre o público e o privado, isso dificulta muito. Isso me lembra muito uma situação que minha filha passou, que também é professora e participou de uma formação de professores, e o objetivo era aproximar os professores para começar a montar equipe. E a proposta era, olhe para seu lado e conte um trecho da sua vida que foi muito importante. E ela me conta como isso foi problemático, pois não é por aí que a gente se aproxima, não no espaço público. Eu posso ter uma relação impessoal, nesse sentido né, e preservar minha vida, minha atividade, sendo mediados pela profissão, pelo trabalho, e me manter muito próximo, bastando ter clareza disto. É difícil de entender que possa ser muito próximo de você, e a gente não trocar carinho físico, não ficar de “mimimi”, de não interferir na vida pessoal, não fazer pergunta invasiva, e mesmo assim é possível encontrar o colega, mostrar um filme, algo que teve a ver com alguma conversa. Então, há uma proximidade intensa, e que não é pessoal, é profissional. Esse é um grande obstáculo, e temos que trabalhar muito, pois há uma tendência de entender – principalmente a pedagogia, a do amor e a do afeto – com essa coisa melosa, e eu gosto de entender o afeto como algo que vamos afetar este aluno, é isto que devemos procurar, tirando-o do lugar confortável. A segunda dificuldade que a gente enfrenta, é suportar o outro. Reconhecer, suportar e vivenciar. Se a gente já chegar, depois a gente aprende a administrar e negociar. Mas não queremos saber de conflito. Durante os dias que trabalhamos juntos, houve uma reação de alguns professores que não concordam, mas numa tentativa de não entrar no conflito comigo. A gente aprender a reconhecer e a experimentar o conflito é uma outra dificuldade, pois não proximidade sem isto. E o terceiro obstáculo que encontramos, é o das instituições, que muitas vezes estimula o corporativismo, que não é uma aproximação, e que provoca afastamentos. Isto são obstáculos, que não são intransponíveis. Basta lembrar o verso do Drummond, ‘há uma pedra no meio do caminho’. Ok, mas eu posso parar, entender, observar, estudar, ver de onde ela veio, porque ela veio parar aqui, porque outro caminho não passa por ela...

Rangel: É, buscar alternativas, pensar outras formas também de agir, de ação.

Rosely: Então é possível. Eu conheço algumas equipes, que conseguiram chegar ao ponto de ser equipe.

Rangel: Talvez a equipe tem uma proximidade, que muitas vezes é formada por uma total diferença entre os membros dela, muito díspares e, nisso, consegue formar uma equipe coesa.

Rosely: Sim, eu achei interessante, como vários professores falaram do café, o cuidado, como estava gostoso. Porque essa proximidade de um coletivo sempre tem que ter uma mediação. No intervalo, se não oferecermos uma mediação razoável, porque a gente poderia ter colocado uma bolacha de água e sal e um café, e isto seria um mediador terrível, ou não seria um mediador. Ia dificultar o relacionamento, e nós gostaríamos de que vocês interagissem. Um bom mediador, antes, era o conhecimento e lá, naquele lugar, era o alimento. Eu trabalho muito com formação de professores de formação básica, enquanto eu cozinho. Cozinhando com eles, fazendo metáforas e analogias, para que eles entendam que a cozinha é o lugar da transformação. Um legume, uma raiz, uma verdura, que se transforma em um soufflé!, Assim é a educação!

Rangel: E a cozinha é diferente da sala...

Rosely: Pois é, muito diferente. É o lugar onde que a gente fica mais a vontade, não há necessidade de uma relação mais pessoal, mas a gente fica mais tranquilo na cozinha. Identifica-se assim uma ideologia, uma política, que é transversal a tudo isto que conversamos. Consegue identificar?

Rangel: Há uma escola, na historiografia, a do Annales, que introduz novas metodologias e abordagens, como a semiótica, e deixando mais diversificado. Minimiza a dialética marxista, propondo um discurso mais suavizado. Embora, em alguns pontos no discurso marxista, a do Annales propõe uma fala leve.

A sua fala também é leve, apesar de estar ancorada em uma rica fundamentação, também é leve. É claro que nós, historiadores, entendemos como as relações políticas se estabelecem, mesmo numa instituição, e entendemos seu papel vinculado ao de uma instituição. O trabalho com as instituições sempre tem um ponto que é o ideal e o real. Almejamos o ideal, mas temos que atuar no real e com isto buscamos sempre o meio termo. (...)

Rosely: por isso este trabalho de formar grupos é importante. Por isso é importante pedagogizar a gestão, e quando fazemos isto provocamos o trabalho de forma diferente do que normalmente se faz nas instituições de ensino.